



NARRATIVA 'NAIÁ': UMA CONSTRUÇÃO VEROSSIMILHANTE DA REALIDADE

Valdir Vegini

Universidade Federal de Rondônia

E-mail: vveagini@gmail.com

Mauricio Rodrigo Pinilla Eduardo

Universidade Federal de Rondônia

E-mail: mauriciorpeduardo@hotmail.com

Resumo: O presente artigo tem como objeto de estudo a narrativa, uma narrativa que foi nacionalmente difundida por meio de uma toada em um festival folclórico existente na região Amazônica, a *toada* 'Naiá'. A partir desse objeto, nosso objetivo é estudá-la sob a perspectiva do ensaio de Jerome Bruner (1991) no que diz respeito às dez características gerais de uma narrativa. Para sustentar esse nosso objetivo, utilizamos diversos métodos de trabalho: o bibliográfico, o exploratório, o documental e o etnolinguístico. Concluída a análise, observamos que as dez características propostas por Bruner assim se apresentam na narrativa "Naiá" transformada em toada: a) Diacronicidade Narrativa: imprecisa; Particularidades: a índia ('Naiá') transformada em na flor amazônica Vitória-Régia; Vínculos de Estados Intencionais: caminhos seguidos para alcançar o ponto culminante, ou seja, a morte de "Naiá" e sua transformação na flor Vitória-régia; Composicionalidade hermenêutica 'Naiá' é uma narrativa verossimilhante da tradição oral amazonense; Canonicidade e Violação: 'Naiá', uma índia apaixonada, se joga ao lago e se afoga; Referencialidade: 'Naiá', apaixonada pela Lua, eterniza-se com sua morte e sua transformação em uma flor da flora amazônica; Genericidade: cultura ancestral e tradicional a partir flora amazônica; Normatividade: o inverossímil se torna explicável; Sensibilidade de Contexto e Negociabilidade: a cultura amazônica possibilita a naturalidade do improvável; Acréscimo Narrativo: a passagem do tempo possibilita pequenas adaptações às narrativas originais do mundo narratológico. GIL, 1996, p. 45; p. 51-53; p. 48-51), utilizamos também o método etnolinguístico (LIMA BARRETO, 2010), que estuda as relações entre língua, cultura e sociedade estabelecido por Coseriu (1978/mímeo).

Palavras Chave: Narrativa Verossimilhante. Construção narrativa da realidade. Toada 'Naiá'. Vitória Régia.

ABSTRACT: The present article has as object of study the narrative, a narrative that was nationally diffused by means of a *toada* in a festival folkloric existing in the Amazon region, toada 'Naiá'. From this object, our goal is to study it from the perspective of Jerome Bruner's (1991) essay on the ten general characteristics of a narrative. To support this goal, we use a variety of methods: bibliographic, exploratory, documentary and ethnolinguistic. After the analysis, we observe that the ten characteristics proposed by Bruner are presented in the narrative "Naiá" transformed into toada: a) Narrative Diacronicity: imprecise; Particularities: India ('Naiá') transformed into the Amazonian flower Vitoria-Régia; Bonds of Intentional States: followed paths to reach

the culminating point, that is, the death of "Naiá" and its transformation in the flower Vitoria-regia; Hermeneutical compositionality 'Naiá' is a verisimilant narrative of the Amazonian oral tradition; Canonicity and Rape: 'Naiá', a passionate Indian, throws herself into the lake and drowns; Referentiality: 'Naiá', in love with the Moon, eternalizes with its death and its transformation into a flower of the Amazonian flora; Genericity: ancestral and traditional culture from Amazonian flora; Normativity: the implausible becomes explicable; Sensitivity of Context and Negotiability: the Amazonian culture allows the naturalness of the improbable; Narrative Addition: the passage of time allows small adaptations to the original narratives of the narratological world. GIL, 1996, p. 45; P. 51-53; P. We also use the ethnolinguistic method (LIMA BARRETO, 2010), which studies the relations between language, culture and society established by Coseriu (1978 / mimeo).

Keywords: Narrative Likely. Narrative construction of reality. Toada 'Naiá'. Victoria Regia.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objeto de estudo a narrativa em forma de toada denominada 'Naiá'¹. A partir desse objeto, formulamos nosso objetivo: estudar uma narrativa amazônica pela perspectiva do ensaio de Jerome Bruner (1991) no que diz respeito às “dez características de narrativa”, que ele propõe em sua publicação “A Construção Narrativa da Realidade” (1991, 18(1) pp. 1-21).

Para alcançarmos esse nosso objetivo, utilizamos as seguintes metodologias: a bibliográfica, a exploratória, documental (GIL, 1996, p. 45; p. 51-53; p. 48-51). Utilizamos também o método etnolinguístico (LIMA BARRETO, 2010), que estuda as relações entre língua, cultura e sociedade estabelecido por Coseriu (1978/mímeo).

Antes de apresentarmos as dez características de Bruner (1991, p. 05-17), vamos fazer um rápido levantamento dos trabalhos já realizados cuja abordagem está baseada no nosso principal teórico, ou seja, Jerome Bruner.

Nosso artigo estará assim constituído: a partir da introdução acima, abriremos espaço para apresentar as “dez características de narrativa” de Bruner (1991) acerca das quais nosso objeto de estudo será analisado. Em seguida, apresentaremos o nosso objeto de estudo, ou seja, “a narrativa Naiá” seguido de outra seção onde esse objeto será analisado sob a ótica de Bruner (1991, p. 02-21). Por último, resumiremos nossa análise na seção das considerações finais.

¹‘NAIÁ’ -Disponível em: <<http://acquasdapureza.blogspot.com/p/blog-page.html>> Acesso em: 10 março 2019.

1 A CONSTRUÇÃO NARATIVA DA REALIDADE

Bruner, no seu ensaio publicado revista *Critical Inquiry* (1991, 18(1) pp. 1-21) no qual ele denomina como sendo a “construção narrativa da realidade”, título de seu artigo e desta primeira seção. Nossa questão básica é buscar uma resposta a esse questionamento: “Como nós alcançamos a realidade? Bruner (1991, p.1) nos antecipa a resposta dizendo: “isto é, como nós alcançamos a perfeita convicção de mundo, que é, como sempre foi entendido, como imutável e que está, como sempre esteve, ‘lá para ser observado’”. Bruner afirma que essa pergunta teve um profundo efeito no desenvolvimento da psicologia e, completa, que os racionalistas se valeram da teoria da *Gestalt* e os empiristas da teoria da aprendizagem estadunidense tentar explicar essa questão. Ambas observavam e explicavam, como diz o autor, de forma distinta o mesmo caminho percorrido no desenvolvimento mental do indivíduo. Atualmente, como cita Bruner (1991, p. 2), “já há outros importantes pontos de vista” porque o conhecimento da “realidade” já não é considerado unilinear, derivacional ou parte de uma “tábula rasa”. Conhecimentos e habilidades são, segundo o autor, domínios específicos e, por conseguinte, diferentes entre uma e outra pessoa e, portanto, nos leva a entender que são, como ele mesmo alega, “tesouros culturais de ferramentas”.

Bruner (1991, p.3) afirma que “o conhecimento nunca ocorre desprovido de um ponto de vista” e conclui que esse ponto de vista é compatível com a análise da “construção da realidade”. É importante transcrever um trecho do próprio Bruner, que nos leva a entender a inter-relação entre a construção da realidade e a narrativa, e ainda define de forma particular o que é uma narrativa.

Como discuti extensivamente allures, nós organizamos nossa experiência e nossa memória de acontecimentos humanos principalmente na forma de narrativas: história, desculpas, mitos, razões para fazer e para não fazer, e assim em diante. A narrativa é uma forma convencional, transmitida culturalmente e restrita por cada nível de domínio individual de domínio e por seu conglomerado de dispositivos protéticos, colegas e mentores. Ao contrário das construções geradas por procedimentos lógicos e científicos que podem ser destruídas por causa de falsificações, construções narrativas só podem alcançar “verossimilhança”. Assim, narrativas são uma versão da realidade cuja aceitabilidade é governada apenas por convenções e por “necessidade narrativa”, e não por verificação empírica e precisão lógica, e,

ironicamente nós não temos nenhuma obrigação de chamar as histórias de verdadeiras ou falsas. (BRUNER, 1991, p.4)

A afirmação de Bruner acima retrata parte importante do escopo que se tenciona trazer neste artigo. Como cita o autor “organizar” nossa memória de quase todos os fatos através de narrativas nos mostra que elas estão presentes, mesmo que inconscientemente em nossas vidas, isso evidencia a relevância destas para o homem. Quando Bruner na citação acima diz que “narrativas são uma versão da realidade” cimenta em nosso consciente que, elas não têm um compromisso com a veracidade do que trazem, pois aceitá-las é uma convenção e nunca uma obrigação por parte daqueles que estão envolvidos na transmissão dessa narrativa.

1.1.OS DEZ TRAÇOS DA NARRATIVA DE BRUNER

Segundo Bruner, esses dez traços constituem “o esqueleto a partir dos quais uma explicação mais sistemática possa ser construída”. Antes de apresentá-las, Bruner afirma que “a preocupação central não é como o texto narrativo é construído, mas como ele opera como um instrumento mental de construção de realidade”.

São os seguintes os dez traços ou dez características de Bruner: Diacronicidade narrativa, Particularidade, Vínculo de estados intencionais, Composicionalidade hermenêutica, Canonicidade e violação, Referencialidade, Genericidade, Normatividade, Sensibilidade de contexto e negociabilidade e Acréscimo narrativo. (BRUNER, 1991 p. 05-17). Depois de termos apresentado os dez traços que operam “como um instrumento mental de construção de realidade”, vamos agora descrevê-los em maiores detalhes:

1ª) “Diacronicidade narrativa”. Quando se fala de tempo temos que considerar o “tempo humano” e não o abstrato, como o que os relógios apontam (BRUNER, 1999 p. 6). Ao afirmar que a narrativa inclui um conjunto de sequências dos eventos humanos, podemos entender que a Diacronicidade narrativa se centrará no tempo em que ela ocorre ou no tempo envolvido por ela.

2ª) “Particularidade”. Cada narrativa tem acontecimentos particulares, e estes são representados por meio de situações que são uma maneira de desenvolvê-la, mas

nunca a sua síntese ou base estrutural. Bruner(1991, p.4) diz, “a sugestividade de uma história, quanto à natureza emblemática de suas particularidades, é falsa”, e finaliza explicando que uma narrativa não pode ser entendida por meio da incorporação particular, o que se conclui que toda particularidade existente nunca será o âmago da narrativa(1991 p. 6).

3ª) “Vínculos de estados intencionais”. Toda narrativa tem um pano de fundo, um cenário, e, estes são sobre pessoas e estas possuem intenções, personalidades, como diz o autor, “mas os estados intencionais nunca determinam completamente o curso dos eventos” (1991, p.7). Como se pode inferir do texto a “intervenção” está sempre presente como meio em que as pessoas possam imaginar os próximos atos das suas personagens, e o que ocorre subsequentemente, por isso, como diz o autor, eis a razão para que explicações narrativas não apresentem explicações causais (1991, p.7).

4ª) “Composicionalidade hermenêutica”. Hermenêutica é a arte ou forma de interpretar ou entender um discurso, texto e porque não dizer uma narrativa. Portanto, como cita Bruner (1991, p.7) “a melhor esperança de análise hermenêutica é apresentar uma explicação intuitivamente convincente do significado do texto como um todo”, e o autor encerra esta nota deste quarto traço dizendo que a interpretação de uma narrativa sempre será através dela mesma e não através de referências ou ambiguidades textuais. Aqui todas as possibilidades interpretativas provenientes do objeto de análise são aceitas, como diz Bruner, “a sedução narrativa ou a banalização narrativa podem produzir uma atividade interpretativa restrita ou rotineira, mas isso não altera o ponto (1991 p.7).

5ª) “Canonicidade e violação”. Porque uma narrativa merece ser contada, esse é o ponto no qual se fundamenta este quinto traço. Cânone é uma regra, uma norma, e violação é aquilo que fere ou se opõe a essa regra ou norma. Assim, quando Bruner traz este traço para a sua análise, cita Labov e White ao dizer que a legitimidade de um enredo canônico deve ser “quebrada”, como diz o primeiro, e para isso deve haver um “evento precipitador”, como diz o segundo. Somente desta forma, com a “violação” de um cânone (regra), situações como uma história comum que em determinado

ponto da narrativa sofre essa violação à sua canonicidade, um desaparecimento, uma traição, um “evento precipitador” como diz Labov (BRUNER, 1991 p. 11), “que altera o fluxo esperado desta narrativa”.

6ª) “Referencialidade”. Aqui temos o que se atribui à sua aceitabilidade enquanto narrativa, em que Bruner (1991, p. 12) diz que “a aceitabilidade não pode depender de sua correta referência à realidade, caso contrário não haveria nenhuma ficção”, e completa dizendo que a “verdade de uma narração se deve julgar pela sua verossimilhança e não por sua verificabilidade”.

7ª) “Genericidade”. Gênero é algo que está presente em todos os textos, como diz Bruner citando Fowler (1991, p.13), “nós podemos falar de gênero quer como uma propriedade de um texto, quer como um modo de compreender a narrativa”, uma vez que ele sempre será um modo linear a ser seguido para nossa melhor compreensão. Será uma forma confortável, como diz o autor, de prover escritor e leitor (ou falante e receptor) de um “modelo confortável e convencional”, e desta forma “encaixar” as suas percepções em modelos (gêneros) existentes e facilmente manipuláveis à compreensão necessária. Bruner finaliza este “traço” dizendo que o gênero narrativo não deve ser considerado tão somente como uma forma de construir situações humanas, mas deve também ser usado para guiar a mente, uma vez que o uso desta é permeada por uma linguagem que habilita a compreensão desta narrativa.

8ª) “Normatividade”. Quando Bruner nos apresenta *Canonicidade e violação*, o autor diz que toda norma (cânone) deve ser violada para “merecer ser contada” e “toda narrativa é necessariamente normativa”, Bruner (1991, p.11). Como toda norma tende a ser aceita e assimilada mais facilmente, podemos inferir que a normatividade na narrativa, mesmo sofrendo a violação necessária para manter ou criar interesse, é a sequência necessária para que ela exista, ou como diz Ferreira Neto (2008, p.62) que “o princípio básico que rege a variação narrativa será chamado por Bruner de *Normatividade*, e esta variação sempre será realizada em cima de uma norma que regimenta a narrativa utilizada”.

9ª) “Sensibilidade de contexto e negociabilidade”. Quem nunca se “desculpou” para esboçar um ato de negociabilidade e também de sensibilidade ao contexto, ou o que Bruner aponta como sendo o seu penúltimo “traço” a ser usado no entendimento de narrativas. No quarto item, Bruner (1991, p.4) *Composicionalidade hermenêutica*, já dissemos que é a forma como se entende uma narrativa, portanto quando uma narrativa se apresenta, espera-se que ela seja recebida e que nesta recepção haja a sensibilidade necessária para que ela seja entendida e aceita, e quando necessário, que se negocie esta aceitabilidade.

10ª) “Acréscimo narrativo”. Diz respeito ao aporte que uma narrativa recebe em sua composição. Histórias são contadas e elas sofrem alterações e acréscimos para geralmente enriquecê-las. Bruner (1991, p.17) diz que “As narrativas fazem acréscimos” e, como insistem os antropólogos, os acréscimos eventualmente criam algo bastante variado chamado “cultura” ou “história”, ou mais livremente “tradição”, e se estes adereços às narrativas criam mudanças nelas, não são para que elas deixem de existir, mas para que sejam mais importantes, mais visíveis. Obter uma narrativa e a ela inscrever uma nova acepção ou propagar um novo título dando ênfase a algo que quiçá não fosse tão importante à sua versão original, ou melhor, versão originalmente recebida, é um acréscimo narrativo consumado.

2 NAIÁ, UMA NARRATIVA AMAZÔNICA

A história de ‘Naiá’, transformada em toada para se adequar às exigências do Festival Folclórico de Parintins, que ocorre no mês de julho na cidade com o mesmo nome e tem a sua origem em uma das muitas tradições narrativas da Amazônia. Trata-se de uma guerreira que por amor à Lua se converte em uma Vitória Régia. Essa narrativa, como todas, tem muitas versões, e estas contam que ‘Naiá’ era uma guerreira que se apaixonou pela Lua (Jaci), que descia do céu para fazer amor com as índias virgens. Certa vez, ‘Naiá’ se desesperou por não conseguir tocar Jaci e se jogou nas águas do rio para tentar fazê-lo em seu reflexo e morreu afogada, Jaci decide transformá-la em uma flor para que se abrisse todas as noites ao ver o seu reflexo nos rios e igarapés.

Toada, um gênero musical muito comum na região amazônica. Segundo o dicionário Houaiss é um canto monótono, ruído, rumor, fama, tradição, música que se acompanha com letra, notícia vaga que corre de boca em boca etc. Toada vem do verbo toar, que tem como principal significado produzir um som forte; ressoar. Vejamos a toada 'Naiá'. A narrativa 'Naiá' não está no formato discursivo, mas poético. Isso já vem de uma tradição de mais de dois mil anos iniciada por não menos que Aristóteles [384 a.C. 322 a.C.] com sua admirável "Poética" (edição da tradução por Ana Maria Valente em 2008).

Quadro 1- Narrativa indígena (com adaptações para a língua portuguesa padrão)

'NAIÁ' - A NARRATIVA AMAZÔNICA DA VITÓRIA RÉGIA	
01	Diz a lenda que a Lua era um deus que namorava as mais lindas jovens
02	índias e sempre que se escondia, escolhia e levava algumas moças
03	consigo. Em uma aldeia indígena, havia uma linda jovem, a guerreira
04	Naiá, que sonhava com a Lua e mal podia esperar o dia em que o deus
05	iria chamá-la. Os índios mais experientes alertavam Naiá dizendo que
06	quando a Lua levava uma moça, essa jovem deixava a forma humana e
07	virava uma estrela no céu. No entanto, a jovem não se importava já que
08	era apaixonada pela Lua. Essa paixão virou obsessão a tal ponto que
09	Naiá não mais queria comer nem beber nada, só admirar a Lua.
10	Numa noite em que o luar estava muito bonito, a moça chegou à beira
11	de um lago, viu a Lua refletida no meio das águas e acreditou que o deus
12	havia descido do céu para se banhar ali. Assim, a moça se atirou no lago
13	em direção à imagem da Lua. Quando percebeu que aquilo fora uma

14	ilusão, tentou voltar, porém não conseguiu e morreu afogada. Comovido
15	pela situação, o deus Lua resolveu transformar a jovem em uma estrela
16	diferente de todas as outras: uma estrela das águas – Vitória-Régia. Por
17	esse motivo, as flores perfumadas e brancas dessa planta só abrem no
18	período da noite.

Fonte: LENDA DA VITÓRIA RÉGIA. Lenda da região Norte do Brasil, Amazonas. Disponível em: <<http://acquasdapureza.blogspot.com/p/blog-page.html>> Acesso em 10 de março de 2019.

3 A DES CARACTERÍSTICAS DE BRUNER NA NARRATIVA ‘NAIÁ’

A primeira característica é a **Diacronicidade Narrativa**. O tempo é impreciso, pois as narrativas orais tradicionais são repassadas de geração a geração e dessa forma perpetuam-se. Em ‘Naiá’ temos um tempo impreciso dentro da própria narrativa, pois não se consegue auferi-la desde o começo (linhas 01,02 e 03) “... *Em uma aldeia indígena, havia uma linda jovem, a guerreira ‘Naiá’...*” (linha 15) “...*o deus Lua resolveu transformar a jovem em uma estrela...*”. O tempo interno é impreciso e o tempo no qual a narrativa se passa tampouco pode ser determinado por ser uma narrativa tão somente verossimilhante cuja origem oral se perde no tempo e somente é perpetuada pela escrita. Portanto a Diacronicidade narrativa é imprecisa nessa toada.

A segunda propriedade é a **Particularidade**. Na narrativa estudada, como em outras, há sempre um fundo moral e uma sequência narrativa que nos remete a personagens e situações que através desta trazem um significado, ou nos contam uma história e nela nos serão apresentadas as personagens existentes. A particularidade como Bruner entende (1991, p.06), está presente em todas as histórias, e as difere umas das outras nas suas generalidades, mas jamais será o suficiente para que se possa entendê-las por meio destas particularidades apresentadas. Em ‘Naiá’, a maior particularidade é sem dúvida a transformação de uma índia (‘Naiá’) em uma flor (Vitória-Régia), mas esse fato não é o suficiente para a compreensão subjacente de toda a narrativa apresentada.

A terceira propriedade apresentada por Bruner diz respeito aos **Vínculos de Estados Intencionais**. 'Naiá' tinha a intenção de ser levada pela Lua (o deus). Ela sequer se importava com o alerta de outros índios de que, caso isso ocorresse, ela seria convertida em uma estrela no céu, (linha 07). As intenções da personagem, independentemente de qualquer perigo e lança-se às águas do lago (linha 12) para entregar-se à Lua culminando com a sua morte. A intencionalidade da personagem não determina a conclusão da narrativa, mas mostra os caminhos que são seguidos para que se chegue ao ponto culminante, como nos faz entender Bruner (1991, p. 07). O estado intencional de 'Naiá' a levou à morte e assim à conclusão da história.

A **Composicionalidade hermenêutica** é a quarta propriedade apresentada por Bruner (1991, p.07) e nela temos, como podemos imaginar pelo termo hermenêutica, uma abertura a inúmeras possibilidades, porém, a que mais nos interessa em nosso caso de narrativas, é a *interpretação*, ou o *esclarecimento*. 'Naiá' é uma narrativa de tradição oral perpetuada existente em uma cultura regional.

A interpretação será algo pessoal, mesmo dentro do contexto que provavelmente poderia ser o mais comumente apresentado, interpretar o porquê dessa narrativa poderia variar. Alguns poderiam imaginar que se trata de uma mera explicação para justificar aos mais novos a existência da planta em seu habitat, outros, no entanto, podem acreditar que a história teve como pano de fundo a necessidade de amedrontar as jovens virgens dos perigos de se afastarem de suas aldeias sozinhas e se transformarem em plantas ou estrelas no céu. A interpretação narrativa sempre será uma via de mão dupla entre quem narra e quem a recebe, Bruner (1991, p. 10), a interpretação hermenêutica sempre será requerida quando não houver um meio racional de se assegurar a verdade. Narrativa verossimilhante à verdade, no sentido literal da palavra, é algo longe de comprovação, Bruner (1991, p. 07).

A quinta propriedade explanada é a **Canonicidade e Violação**, dois termos que se completam nesta interpretação de Bruner (1991, p.11). Ele cita Labov afirmando que toda boa narrativa deve possuir estes dois componentes: o que *aconteceu* e *por que uma narrativa merece ser contada*. Toda narrativa possui por si só um elemento atrativo, que traz um sentido para algo que nela se apresenta. Os acontecimentos descritos nela, independente se reais ou não, tentam uma lógica para explicar um fato, neste caso a criação das Vitória-Régias. Porém, há de se entender

que o porquê de ela ser contada, qual o mérito em fazê-lo podendo ser visto por diversos pontos de vista, contudo a *Violação* refere-se ao fato em si que promove uma nova quebra da sequência lógica. Se 'Naiá', a jovem guerreira, sonhasse em ser uma estrela e a narrativa fosse simplesmente centrada nessa vontade ou desejo, do começo ao fim dentro deste quadro imóvel, como diz Bruner (1991, p. 11), os acontecimentos não teriam “graça” nem justificativa para que se falasse sobre eles, mas 'Naiá' está movida por sua vontade, se joga ao lago e se afoga. Essa é uma violação ao cânone que seria a quebra da sequência linear ou esperada por quem nada espera, seria o dia comum de quem acorda, sai de casa, trabalha e volta à casa para dormir, sem que nada interrompesse sua rotina.

Referencialidade é a sexta característica apresentada por Bruner. Referência traz uma marca, uma linha a ser seguida, como diz Bruner (1991, p. 12): “a verdade narrativa é julgada por sua verossimilhança e não por sua verificabilidade”, portanto quando se fala em “verdades” narrativas o que mais será considerado é a sua semelhança como a história de mundo que cada receptor possui e não pela cientificidade e objetividade da narrativa e os Estados Intencionais da personagem, como visto acima. A interpretação do sentido sempre será individual e poderá afetar as referências das partes que compõem esta mesma história levando a considerações diversas dependendo do que se entenda como sendo o sentido. Na narrativa de 'Naiá' a referência, em nosso entendimento, é a causa e efeito presentes. 'Naiá' adorava a Lua, 'Naiá' queria se entregar à Lua, e em razão dessa vontade se transforma em uma Vitória-Régia. Essa referência de causa e efeito cria o entendimento nem sempre “fidedigno” de uma narrativa, mas é o suficiente para sustentá-la como algo autêntico na compreensão porque ela ocorre por verossimilhança com a realidade do receptor.

Genericidade, esta é a sétima característica observável para as narrativas, segundo Bruner (1991, p. 14): “O gênero narrativo, desta maneira, não só pode ser pensado como um modo de construir situações humanas, mas também como um guia para usar a mente...”. O gênero que apresentamos no trabalho em questão, totalmente nacional e regional, tem como finalidade transmitir uma narrativa da cultura tradicional amazônica para as gerações atuais e futuras, utilizando relatos ancestrais que remetem ao imaginário popular e servem para justificar e, em muitos casos, criar uma

realidade atemporal que permita o entendimento de fenômenos naturais e a origem de inúmeros elementos da flora e fauna da região.

Este gênero possui a capacidade mais do que diacrônica, em razão de sua ancestralidade, mas também a de trazer por meio de toadas (canções) um veículo para a popularização e divulgação desses fenômenos. Bruner (1991, p.13) também diz que os gêneros provêm os escritores e os leitores com “modelos” confortáveis e convencionais para limitar a tarefa hermenêutica de atribuir sentido aos acontecimentos humanos, e dessa forma, induzir o receptor a aceitar o que já está pronto, predito e convencionalizado por uma sociedade que aceita o que não lhe é possível analisar por prismas científicos e mensuráveis.

A oitava característica que se observa é a **Normatividade**, palavra que nos aproxima da norma, de um padrão pré-concebido e disponível ao entendimento. O autor se refere a ela citando Kenneth Burke quando diz, “o equilíbrio entre cinco elementos presentes em uma narrativa, como o agente, o ato, a cena, o propósito e uma função, são a razão”, Bruner (1991, p.15) e completa dizendo que o equilíbrio destes elementos ocorre porque há uma convenção cultural que predispõe a isso a quebra de um destes elementos traz a desarmonia e então os problemas ocorrem. Quando há violação de uma expectativa convencional esta faz parte da narrativa, pois uma violação pressupõe uma norma, diz Bruner (1991, p.14) e estas estão preocupadas com a legitimidade cultural que esta propõe. A narrativa utilizada no artigo presente, como todas as narrativas tradicionais, traz no seu contexto um agente (‘Naiá’), os eventos que se sucedem em que estão inseridos as personagens, e que levam ao desencadeamento do relato, um propósito (a conquista da Lua e de seu amor) e a função (que é o objetivo desta narrativa como um todo). Todos os elementos alimentam-se uns dos outros e a quebra de um deles traria um “problema” ao entendimento da narrativa. A normatividade se observa quando se entende que, por mais inverossímil que possa ser suportável como algo vigente entre nós.

Sensibilidade de Contexto e Negociabilidade é a nona propriedade descrita por Bruner. Voltamos a usar uma referência do autor em questão a qual está presente no final de sua descrição desta propriedade (1991, p.17), ou seja, “a dependência de contexto da explicação narrativa permite a negociação cultural que, ao ser bem-sucedida torna possível a coerência e a interdependência que uma cultura pode

alcançar”. Nosso artigo trabalha com uma Toada que é um gênero de nossa cultura amazônica carregado de simbolismo e totalmente original por representar o que ela tem de mais sagrado que são as suas raízes.

O Sentido de veracidade não se sobrepõe ao da fantasia, que explica e registra mais do que fenômenos e elementos naturais. Acultura amazônica que se sobrepõe instaura como algo natural, compreensível e aceitável aos olhos de quem consegue perceber a engenhosidade da Toada ‘Naiá’, uma história cantada por ele mesmo, o receptor, que ao cantá-la torna-se também autor desta história.

Esta análise se finda com o décimo elemento descrito por Bruner para as propriedades narrativas que é o **Acréscimo Narrativo**. Essa característica concebe que as narrativas podem ser alimentadas por outros veículos externos a ela, levando-nos à compreensão de que ela poderá sofrer mudanças ao longo do tempo. Uma Toada como a de ‘Naiá’ nos remete a um tempo em que não havia escrita por parte de quem a narrava. A continuidade oral certamente fez da história original uma pequena parte do que ela é hoje.

CONSIDERAÇÕES

Inicialmente, este artigo foi apresentado tendo como objeto de estudo a narrativa em forma de toada denominada ‘Naiá’. A partir desse objeto, formulamos nosso objetivo, ou seja, estudar uma narrativa amazônica pela perspectiva do ensaio de Jerome Bruner (1991) no que diz respeito às “dez características de narrativa”, que ele propõe em sua publicação “A Construção Narrativa da Realidade”.

Para alcançarmos esse nosso objetivo, utilizamos as seguintes metodologias: a bibliográfica, a exploratória, documental bem como o método etnolinguístico, que estuda as relações entre língua, cultura e sociedade estabelecido por Coseriu.

A intenção que tivemos, ao idealizar este artigo, foi trazer uma narrativa regional, algo presente em nosso contexto local e estudá-la sob uma perspectiva que pareceu-nos nova, olhando-a e verificando as suas generalidades através das dez características que Bruner aponta como sendo uma forma interpretar as construções narrativas da realidade (1991). ‘Naiá’ foi a narrativa que utilizamos para essa experiência. Escolhemos uma Toada, que faz parte das diversas narrativas amazônicas que estão disponíveis não só a aqueles que aqui vivem, mas a qualquer

interessado pela cultura dessa região repleta de diversidades bastante singulares e muito rica em elementos autóctones. Tentamos mostrar que ela pode ser interpretada através de uma visão tão abrangente quanto a que Bruner cria em seu texto “A construção Narrativa da Realidade”.

Por fim, essa narrativa, observada à luz das dez características apontadas por Bruner, contém, resumidamente, os seguintes traços, que a tornam genuína: Concluída a análise, observamos que as dez características propostas por Bruner assim se apresentam na narrativa “Naiá” transformada em toada: a) Diacronicidade Narrativa: imprecisa; Particularidades: a índia (‘Naiá’) transformada em na flor amazônica Vitória-Régia; Vínculos de Estados Intencionais: caminhos seguidos para alcançar o ponto culminante, ou seja, a morte de “Naiá” e sua transformação na flor Vitória-Régia; Composicionalidade hermenêutica ‘Naiá’ é uma narrativa verossimilhante da tradição oral amazonense; Canonicidade e Violação: ‘Naiá’, uma índia apaixonada, se joga ao lago e se afoga; Referencialidade: ‘Naiá’, apaixonada pela Lua, eterniza-se com sua morte e sua transformação em uma flor da flora amazônica; Genericidade: cultura ancestral e tradicional a partir flora amazônica; Normatividade: o inverossímil se torna explicável; Sensibilidade de Contexto e Negociabilidade: a cultura amazônica possibilita a naturalidade do improvável; Acréscimo Narrativo: a passagem do tempo possibilita pequenas adaptações às narrativas originais do mundo narratológico.

Estudar narrativas poéticas ou toadas sob este viés proposto por Bruner certamente foi uma experiência muito interessante na medida em que os aspectos analíticos apresentados por Bruner fogem aos olhares do leitor ou ouvinte leigos no assunto e ampliem sobremaneira a nossa compreensão.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. Prefácio de Maria Helena da Rocha Pereira. Tradução e notas de Ana Maria Valente. 3ª edição. Edição da Fundação Calouste Gulbenkian. Serviço de Educação e Bolsas. Lisboa. 2008.

BRUNER, Jerome. **A construção Narrativa da Realidade**. Critical Inquiry. [S.l.]. 8.1, p. 1-21. 1991.



BRUNER, Jerome. **Realidade Mental, Mundos Possíveis**. Porto Alegre. Artes Médicas. 1997 [1990]

FERREIRA NETO, Waldemar **Tradição oral e produção de narrativas**. São Paulo. 2008. Paulistana.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Instituto Antônio Houaiss. Rio de Janeiro. Ed. Objetiva. 2009. Versão 3.0, 1 CD-ROM.

LIMA BARRETO, Evanice Ramos, **Etnolinguística: Pressuposto e tarefas**, Portas, são Paulo, Junho 2010.

LENDA DA VITÓRIA RÉGIA, Lenda da região Norte do Brasil, Amazonas. Disponível em: <<http://acquasdapureza.blogspot.com/p/blog-page.html>.> Acesso em 10 de março de 2019.